

□ Tempo de leitura: 18 min.

A história do Servo de Deus Ignazio Stuchlý (1869-1953) permite observar, em um contexto histórico complexo, como a santidade salesiana pode tomar forma através de um conjunto estável de virtudes vividas no cotidiano. Nascido na Morávia, no Império Austro-Húngaro, formado na fé em um ambiente camponês e marcado por fragilidades físicas, Stuchlý amadurece lentamente sua vocação, buscando com tenacidade a vontade de Deus entre tentativas, portas fechadas e recomeços. O encontro com o carisma de Dom Bosco e com Dom Rua orienta definitivamente seu caminho: pobreza concreta, obediência, fortaleza, castidade, espírito de sacrifício e paternidade educativa tornam-se traços constantes de seu “habitus” virtuoso. Como formador e inspetor, ele atravessará então guerras e perseguições, permanecendo um ponto de referência para os coirmãos e para os jovens.

1. Em busca da vontade de Deus

O servo de Deus nasceu em Bolesław, na Morávia, em 14 de dezembro de 1869: ele era um súdito daquela imensa colcha de retalhos de línguas, culturas e tradições representada na época pelo Império Austro-Húngaro, o resultado, em sua forma completa, do *Ausgleich* [Equilíbrio - Acordo] de 1867 entre o Império Habsburgo e o Reino da Hungria.

Quarto de dez filhos, ele recebeu uma educação simples, mas sólida, na fé católica, o que era mais fácil na Morávia do que na Boêmia, então dominada pelo protestantismo e onde um certo anticatolicismo era usado como instrumento para combater a influência dos Habsburgos, que estavam alinhados em defesa do papado.

Ainda criança, Inácio ajudava os pais no trabalho pesado do campo: eles tinham uma propriedade de tamanho médio e alguns cavalos, o que qualificava os Stuchlýs como abastados:

Eles também possuíam alguns cavalos. Na época, eles não eram

completamente pobres.

Era uma casa de camponeses com tudo o que pertencia a ela, como o estábulo, a estrebaria, os campos etc. [...] o servo de Deus pertencia à classe média local.

Naquela época, essa região – localizada na fronteira com a Silésia, uma parte da qual ela incorporou – era caracterizada pelo domínio da agricultura, certa pobreza da população e uma óbvia orientação para a cultura alemã. Os invernos eram rigorosos. Para assistir à missa matinal, Inácio tinha de caminhar quilômetros (4 de ida e 4 de volta). Nessas caminhadas, Inácio rezava, absorto em meditação contemplativa. Às vezes, ele conseguia recitar apenas um “Pai Nosso” durante toda a caminhada: ele fixava-se numa contemplação amorosa sobre cada palavra, meditando-a cuidadosamente e muitas vezes se emocionando. Ao fazer isso, sem saber, ele já estava passando da oração vocal para a mental, refletindo sobre Aquele a quem estava se dirigindo e aprendendo a reconhecê-lo como Pai.

Ele frequentou a escola alemã, onde esse idioma foi acrescentado ao dialeto morávio usado na família, mas não ao boêmio: o servo de Deus o aprenderia quando adulto, sem nunca conseguir dominá-lo perfeitamente. A Morávia de Olomouc era administrativamente parte da Silésia, que incluía territórios que, nos altos e baixos da história do século XX, passariam da Alemanha para a Polônia.

Na escola, Inácio nunca se destacou por nenhum dom intelectual específico, mas era íntegro, sincero e heroicamente perseverante. Lá ele conheceu João Kolibaj, o professor que influenciaria seu crescimento mais do que qualquer outro. Com alma de artista, violinista apaixonado e, acima de tudo, amante da Virgem Maria, Kolibaj ensinava canções marianas a seus alunos e, cantando-as com eles, muitas vezes se emocionava até as lágrimas. Ele, um simples leigo, também despertava em seus alunos a vontade de ouvir a voz do Senhor que chama: implementou uma pastoral vocacional discreta, mas eficaz, entre eles. Assim como o Venerável Jan Tyranowski com Karol Wojtyła, João Kolibaj treinou o ouvido interno do garoto Stuchlý para captar aquela “voz do silêncio sutil” na qual o chamado divino pode ser expresso. Um dia, Kolibaj chegou a lhe perguntar, diretamente, se ele gostaria de se tornar padre. Inácio, no entanto, surpreso, responde que não. Uma vida como camponês, junto com seus irmãos, estava então reservada para ele. Quando teve de desistir de herdar a fazenda do pai por motivos de saúde, e outro irmão foi preferido, o servo

de Deus inicialmente pensou em se tornar alfaiate: uma profissão que exigia pouca energia e parecia adequada à sua condição de fraqueza crônica. Esse projeto, no entanto, desapareceu, por razões impossíveis de serem reconstruídas hoje. Ele então permaneceu na fazenda, um “hóspede” em uma propriedade que nunca seria dele.

No entanto, sua saúde melhorou repentinamente quando, aos 16 ou 17 anos, ele visitou um “curandeiro” em Bohumín:

Durante sua infância e juventude, ele esteve doente e essa doença parecia incurável. Então, um curandeiro popular o aconselhou a não comer coisas ácidas, a tomar leite e a beber muita gordura de peixe. Isso lhe fez muito bem e, assim, ele pôde ajudar nos campos da fazenda de seu pai. Foi somente mais tarde que ele decidiu estudar.

Embora esse curandeiro popular tenha curado seu corpo, ele também examinou sua alma e realizou uma profecia sobre ele: ele seria curado e se tornaria padre. O sobrinho neto, João Miguel Stuchlý, testemunha:

Originalmente, ele deveria permanecer como herdeiro da fazenda de seu pai, mas depois, devido à saúde debilitada e quando nenhum remédio ajudava, a herança passou para seu irmão José, meu avô. Depois de muita procura, Inácio finalmente encontrou um curandeiro popular em Bohumín que lhe predisse: “Você se curará” e “você se tornará padre”. Na época, ele tinha cerca de 20 anos de idade.

Nem dessa vez, porém, Stuchlý respondeu com um “sim!”. Sua vocação sacerdotal, além disso, agora parecia já inatingível: ele havia estudado pouco, não sabia uma palavra de latim, já havia passado da idade em que os jovens entram no seminário e sua família nunca poderia sustentá-lo economicamente. Enquanto isso, o trabalho na propriedade o expunha a certos perigos, como quando caiu embaixo do trenó, puxado pelos cavalos assustados, cujos cascos batiam furiosamente perto de sua cabeça: ele pensou que fosse morrer, mas saiu ileso e continuou a gostar de

cavalos alegres, assim como ele era alegre e gostava de pessoas otimistas, dispostas e cheias de energia.

Ele também gostava de ir dançar (embora sempre voltasse antes da meia-noite para se preparar para a Eucaristia no dia seguinte). Além disso, sabia aproveitar as coisas boas da vida: característica que conservaria nos anos seguintes, quando, por exemplo, recomendaria a uma jovem, prestes a ingressar na vida religiosa, que se inscrevesse sem falsos escrúpulos em uma temporada de concertos, para desfrutar – enquanto pudesse – de boa música. Bem integrado ao grupo de amigos, o servo de Deus se destacava por sua castidade exemplar: sua atitude, como exemplo para os outros, tornava-se tranquilizadora para os pais que – nos anos em que a presença simultânea de meninos e meninas era muito menos livre do que hoje – permitiam sem medo que suas filhas se juntassem à alegre companhia, se soubessem que Inácio também fazia parte dela.

Ele, portanto, jovem entre os jovens, já se assemelhava ao que o Senhor mais tarde lhe pediria para ser por vocação: jovem para os jovens, entre os quais ele dá testemunho de um dom precoce de paternidade espiritual.

2. A grande escolha: entre os salesianos de Dom Bosco

Então, um dia, chegou o grande momento decisivo. Ele estava ocupado trabalhando no campo. De repente, ouve um canto que vem do cemitério vizinho: é um padre que, no final do funeral, entoou a *Salve Regina*: outro canto mariano, como os que João Kolibaj lhe havia ensinado. Naquele dia, o servo de Deus ficou profundamente comovido, quase atordoado, diria mais tarde, com a beleza de ser padre para poder entoar o canto a Nossa Senhora: a partir de então, desejaria, com toda determinação, tornar-se padre para “poder entoar também aquele canto”; ser padre, portanto, para cantar a Maria. A *Salve Regina* havia ficado tão marcada nele que continuava a ressoar em seu interior. Os estágios de discernimento de sua vocação e, depois, sua própria vida – marcada pelo cansaço e pelo sofrimento – também fariam do próprio Inácio quase um ícone da oração dirigida à Rainha do Céu, a Mãe da misericórdia que vem em auxílio de seus filhos na provação, no exílio, no vale de lágrimas.

Assim, quando pouco tempo depois – talvez também observando sua condição física recuperada – seu pai se mostrava disposto a lhe dar um campo e o exorta a

encontrar uma boa jovem com quem formar uma família, Inácio rejeita a proposta: ele declara sua vocação a seus pais e eles não opõem resistência. O servo de Deus, a quem antes havia sido recusado aquilo a que poderia ter direito (a herança da propriedade), agora renuncia livremente ao que antes desejava e que agora lhe poderia ser concedido. Sua vocação, portanto, não tinha sido uma escolha residual, quase uma reorientação depois de ter visto outros caminhos como intransponíveis, mas uma vocação verdadeira, aceita ao pronunciar alguns “nãos” e – evangelicamente – renunciar a todos os seus bens para adquirir a “pérola preciosa”.

No entanto, ele tem vinte anos de idade e ninguém está disposto a aceitá-lo. Quando o pároco fica sabendo de sua ideia de se tornar padre, se põe a rir e o aconselha a esquecer o assunto, a ser razoável e a voltar para o campo. Naquela época, o servo de Deus era um rapaz alto, franzino e de rosto aberto, com olhos azuis brilhantes e cabelos ruivos revoltos. Ele é ouvido pelo vigário paroquial, que o incentiva a não desanimar e a ter fé. Ele então lhe conta sobre o padre Angel Lubojacký, um prior dominicano que estava meditando sobre “fundar uma nova congregação à maneira de Dom Bosco”, comprometida com a reconciliação com a Igreja Ortodoxa. Ele estava procurando jovens aspirantes, e Inácio, que não conhecia muito bem a dinâmica da Igreja, aceitou. Ele partiu com um amigo: era a época da colheita do trigo e eles – como Simão e André, João e Tiago ao deixarem as redes – deixaram as foices da colheita para seguir Jesus.

Grandes dificuldades o aguardavam imediatamente: ele teve que se esforçar com a gramática tcheca e latina. O esforço foi tanto que ele pensou em desistir. No entanto, não se deu por vencido e ele mesmo, que gostava de cavalos velozes, aprendeu durante esses meses a difícil arte do “cavalo de tração” (ao qual Inácio foi comparado por um amigo!): que avançava lentamente sob a carga, sem desanimar. Além disso, a obra era muito pobre, forçada a mudar de local com frequência: ele tentou criar raízes, em meio a mil incertezas. Assim, o servo de Deus começou a treinar duas virtudes que mais tarde caracterizariam seu perfil espiritual: a fortaleza e a pobreza.

Nesse meio tempo, a ordem dominicana começou a considerar com crescente ceticismo o P. Ángel, um prior que queria se tornar fundador, mas prosseguiu sem o apoio dos seus, nem com uma verdadeira harmonia com a Província dominicana. Entretanto, Deus, que também sabe como tirar o bem do mal, ajuda Inácio Stuchlý nesse meio tempo. De fato, ele o faz encontrar o padre Antonín Cyril Stojan, já

então um santo sacerdote (mais tarde arcebispo de Olomouc, a partir de 1921; hoje venerável servo de Deus). Ele lhe falou sobre Dom Bosco, de quem era grande admirador (ainda não havia salesianos na Boêmia e na Morávia, mas estavam começando a ser traduzidos livros sobre o Santo dos jovens). Stojan associou Stuchlý às visitas às famílias: assim, ele pôde se familiarizar com os trabalhos e as belezas do ministério pastoral e se tornar um conhecedor de almas.

Embora ainda acreditasse que seu futuro seria nessa nova congregação de estilo dominicano, ele começou a se dedicar à prática pastoral e salesiana: não sabia, porém, que essa era sua verdadeira vocação. Por causa de suas virtudes, ele também era considerado extraoficialmente o “prefeito” [ecônomo] daquela pequena comunidade de aspirantes: esse também era um papel que ele – um futuro salesiano – ocuparia em várias ocasiões durante grande parte de sua vida.

Então, de repente, as esperanças do servo de Deus parecem desmoronar. Dificuldades financeiras, a demora na concessão de certas autorizações de Viena e, sobretudo, a oposição do bispo, levam ao súbito fracasso dos planos do P. Ángel, que, nesse meio tempo, havia deixado os dominicanos. O P. Ángel sofre um revés psíquico: ele é encontrado vagando perdido pelas ruas e – já afastado de sua ordem – é aceito no clero diocesano. Os jovens se dispersam. O servo de Deus, aos 24/25 anos de idade, parece ter a única perspectiva de voltar para casa. No entanto, ele havia aprendido latim e conhecido Dom Bosco. Ele não desistiu e embarcou em uma dolorosa peregrinação em busca de sua vocação. Foram meses difíceis, nos quais ele bateu em muitas portas, mas sempre foi rejeitado. Até mesmo fracassou uma tentativa com os jesuítas, que num primeiro momento pareciam dispostos a aceitá-lo, embora talvez como um irmão não presbítero, e com a condição de que ele se colocasse à disposição para as missões.

O que desencadeou esse discernimento – que foi particularmente doloroso – foi um encontro com um padre, talvez seu antigo confessor. Ele lhe disse: “Você não irá para os jesuítas, mas para os salesianos. Vá para casa e espere”. Apenas três dias depois, o servo de Deus tinha em suas mãos um telegrama do P. Rua – o primeiro sucessor de Dom Bosco – convocando-o para ir a Turim. Assim, Inácio Stuchlý arrumou apressadamente seus poucos pertences e partiu. Ele se despediu de sua família como se nunca mais fosse vê-los: naquela época, partir para a Itália era o equivalente a ir como missionário para um país distante. Ele nem mesmo conhece o idioma, mas deixa tudo, confia em tudo e parte. Ele se junta ao grupo dos “Filhos de Maria”, como os salesianos os chamavam, isto é, as vocações adultas.

3. Na fonte do carisma salesiano

Em Turim, o primeiro encontro com o Reitor-Mor aconteceu em latim: eles se entenderam maravilhosamente, superando o obstáculo representado pelo fato de que um não conhecia a língua morávia e o outro o italiano. O P. Rua era também um sacerdote com o dom de ler os corações e sabia compreender as pessoas à luz do projeto de Deus para elas: dele, portanto, viriam as opções decisivas na vida do salesiano Inácio.

As primeiras etapas da formação do Servo de Deus foram Turim-Valsalice e Ivrea. Valsalice, em particular, tornou-se para ele uma escola de formação entendida como escola de santidade. A santidade de muitos florescia aqui na época, como o P. Luís Variara (beato), o Príncipe P. Augusto Czartoryski (beato) e especialmente o P. André Beltrami (venerável). Inácio, portanto, cresceu nesse clima, fortemente orientado para a oblação da vida e a generosa doação de si mesmo. O lema do P. André Beltrami (acometido pela tuberculose, que o levaria à morte em 1897) – “nem viver nem morrer, mas padecer e sofrer” – educa Inácio Stuchlý na espiritualidade vital e reparadora. Ao fazer isso, ele aprende a aplicar a totalidade do lema “*da mihi animas, caetera tolle*” desde os primeiros meses da formação salesiana: de fato, é o *caetera tolle* que dá credibilidade ao “*da mihi animas*”. Ele também se beneficiava da proximidade quase diária com os superiores maiores e de compartilhar a vida com a primeira geração de salesianos: aqueles formados por Dom Bosco, cujos restos mortais repousavam em Valsalice, num contexto de grande proposta vocacional e de exortação explícita a se tornarem santos.

Transferido para Ivrea, ali recebeu formação missionária: de fato, seus superiores cogitavam levá-lo a partir e depois lhe pedem – também para aproveitar ao máximo sua experiência de agricultor – que se formasse em Agronomia. Nesse meio tempo, ele se tornou um frequentador assíduo do P. Rua, que lhe pediu para acompanhá-lo na recitação do rosário à noite: e um dia Inácio Stuchlý deu ao P. Rua o seu próprio colarinho para substituir o dele, já desgastado pelo uso. Mais tarde, quando o P. Rua soube que Inácio estava destinado às missões, ordenou que ele retirasse seu pedido. “Sua missão é no Norte”, ele sentencia. Inácio acredita nisso, apresenta-se ao P. Júlio Barberis, conta-lhe a conversa e fica à disposição da Congregação, sem saber qual seria a sua obediência posterior.

O P. Rua também o ajudou em um momento de cansaço, quando, no final do noviciado, foi assaltado pela dúvida de não poder perseverar na vocação: o medo era tão grande que ele chegava a suar durante a meditação. Pediram-lhe, então, que fizesse imediatamente a profissão perpétua: ele confiou e a tentação desapareceu, trazendo-o de volta à sua paz e alegria habituais, que nunca mais o abandonariam. Ali estava uma prova de humildade e obediência – outras virtudes reconhecidas como típicas de Stuchlý nos anos seguintes.

Agora, com a profissão perpétua, o servo de Deus poderia iniciar o caminho para o sacerdócio, com o estudo da teologia. Nesse meio tempo, seus superiores o enviaram a Gorizia, então uma cidade dos Habsburgos, onde os salesianos tinham a seu cargo o internato São Luís para a formação de vocações eclesiais, em uma diocese carente de sacerdotes. Sobrecarregado de compromissos, responsável pelo aspecto econômico e – embora ainda não fosse sacerdote no início – excepcionalmente já prefeito da casa, o servo de Deus naqueles anos (1897) se fez servo de todos. Mas, infelizmente, ele não consegue acompanhar os exames. Os superiores precisam de sua ajuda e se esquecem de lhe dar tempo para estudar, um pré-requisito para a ordenação. Ele não pede nada e obedece com alegria. Vice-diretor e responsável pelo progresso moral da obra salesiana em Gorizia, professor, atento aos problemas práticos e econômicos da casa, capaz de se relacionar com o mundo leigo e com os benfeitores...: mais uma vez, no final, o P. Rua intervém providencialmente, exigindo que a sua situação seja regularizada.

Inácio Stuchlý foi ordenado diácono em 22 de setembro de 1900 e sacerdote em 3 de novembro de 1901. Ele nem sequer havia feito os exercícios preparatórios. A cerimônia de ordenação, muito simples, foi realizada na capela particular do então arcebispo de Gorizia, Card. Jacó Missia. Depois, nenhuma festa: um dia de aula como os outros, apenas um almoço um pouco mais farto. Permaneceu então na casa salesiana, empenhado em seus deveres habituais, sempre sobrecarregado e esquecido de si mesmo.

Essas responsabilidades na casa salesiana, porém, não o afastam do contato com o povo, entre o qual sabe despertar uma cooperação qualificada: nem, sobretudo, da vida da diocese. De fato, enquanto o internato de São Luís se dedicava à formação dos futuros sacerdotes, o próprio cardeal Missia obteve do diretor salesiano de Gorizia, o P. João Scaparone, que o recém-ordenado Stuchlý o acompanhasse na consagração de paróquias e comunidades religiosas ao Sagrado Coração. Essa devoção ao Sagrado Coração, que também era fortemente sentida pelos salesianos na época, ajudou o servo de Deus a se formar cada vez mais como um verdadeiro

sacerdote de Cristo. Além disso, o trabalho com o Arcebispo lhe dá a oportunidade de conhecer a realidade da diocese, em “contato direto” com sua concretude, suas esperanças e seus problemas. Mais uma vez, ele é formado como um homem de escuta e diálogo, um verdadeiro pastor de almas. Confessor há pouco tempo, ele vê muitas pessoas se dirigindo a ele. Seus cabelos, já brancos, ajudam a espalhar a fama de ser um confessor experiente e sábio. Mas ele realmente o é: e permanecerá assim até o fim de sua vida.

4. Na linha da frente da missão

Então, depois dos 13 anos em Gorizia, que ele sempre recordaria como o período mais bonito de sua juventude salesiana, houve uma nova obediência: o P. Stuchlý foi enviado para Liubliana, na Eslovênia. Aqui, a obra salesiana – que havia surgido há alguns anos no subúrbio de Rakovnik (um subúrbio da capital, às margens da colina Golovec, perto das colinas e dos bosques pelos quais se pode chegar a Zagreb a pé) – estava em grave crise econômica, quase à beira da falência. A construção da igreja – a ser dedicada a Maria Auxiliadora – estava parada há anos, e o canteiro de obras, ainda aberto, a expunha às intempéries e ao desgaste. Era necessário um homem prático, com pulso firme, capaz – naqueles tempos de frequentes greves de construção, crises empresariais e tifo – de motivar as pessoas.

O P. Pedro Tirone (que havia conhecido o servo de Deus durante sua formação em Ivrea, causando uma ótima impressão) lembrou-se dele. Ele era sacerdote havia pouco tempo, mas era um homem de 41 anos na plenitude da maturidade e experiente nas coisas da vida. Graças às suas origens eslavas, também não teria sido muito difícil para ele aprender esloveno.

Ele chegou em 1910 a uma casa salesiana onde estavam sendo planejados um oratório, um internato e, mais tarde, escolas profissionalizantes. O primeiro trabalho, atribuído pelo Estado aos salesianos e quase imposto a eles, consistia, porém, em garantir a conclusão do primeiro ciclo escolar aos meninos problemáticos, vindos do reformatório ou da prisão. Os salesianos tinham começado, portanto, na Eslovênia, da mesma forma que Dom Bosco, enviado às prisões e entre os últimos, e capaz de fazer florescer a esperança entre eles, aplicando o “Sistema Preventivo” em vez do “sistema repressivo”. Os salesianos

darão confiança, empenhando-se em todo um trabalho de recuperação humana, espiritual e social que será coroado de êxito. Alguns anos depois, eles formarão turmas mistas, com alguns meninos problemáticos e outros de provenientes de uma experiência mais sadia. Uns ajudarão os outros, e o sucesso da experiência contribuirá para a aceitação e a estima dos salesianos na Eslovênia.

Em Rakovnik, enquanto isso, o servo de Deus deve cuidar do desenvolvimento da casa e do bom andamento das relações comunitárias. Ele também passava muito tempo entre as pessoas, a quem responsabilizava, atraindo-as para o carisma de Dom Bosco e tecendo assim uma densa rede de caridade. O P. Stuchlý tinha de alimentar 200 pessoas diariamente. Sempre havia escassez de dinheiro e ele assumia inúmeros trabalhos: reservava para si alguns pedaços de pão preto e ia mendigar, expondo-se às humilhações que às vezes recebia. Mas havia também aqueles que o ajudavam: como a jovem que deu aos salesianos todo o seu dote com as palavras: “Isto é para Nossa Senhora!”: naquela época, dar o dote era, de certa forma, dar o futuro e a vida, porque isso dificultava muito o casamento. O servo de Deus, portanto, se lembrava e sempre lembrava aos seus coirmãos que, assim como o dinheiro dos salesianos pertencia aos pobres, que eram os verdadeiros donos, também aos benfeitores era preciso ser gratos, fazendo um uso exato e reto daquilo que eles disponibilizavam. Era um homem de sacrifício, do qual irradiava uma confiança absoluta na Divina Providência.

Ele foi transferido por um curto período (1919-1921) para a casa em Verzej, onde começou novamente com apenas uma panela para comer e se lavar, em extrema pobreza; e depois voltou para Liubliana. Aqui, em 8 de setembro de 1924, finalmente aconteceu a solene consagração do Santuário mariano dedicado a Maria Auxiliadora. Também chegou para a ocasião o Card. João Cagliero, um dos “meninos” de Dom Bosco. À noite, ele pôde conversar longamente com o servo de Deus, que se lembraria daquele momento pelo resto de sua vida, agradecido e comovido pela familiaridade paterna com que Cagliero o havia acolhido.

Naquele mês de setembro, quando chegou ao fim o trabalho exaustivo que o havia ocupado na capital eslovena durante quase 15 anos, o servo de Deus talvez pudesse, pelo menos por um momento, fazer uma pausa: os irmãos se deram conta, de repente, do quanto ele havia envelhecido sob o peso das preocupações e do cansaço. Seu sorriso, no entanto, era sempre tão brilhante quanto o de uma criança; sua vontade, tão forte como sempre; sua energia interior, que o ajudava a

suportar a fadiga física e mental, tão indomável como sempre. No mesmo dia da consagração do santuário, foi destinado a um oratório não muito distante: acreditou por um momento que poderia levar uma vida salesiana normal, mas esse não seria o seu verdadeiro destino. De fato, teve que retornar à Itália em 1925.

5. O “velhinho” sempre jovem

Aqui, em Perosa Argentina, no Piemonte, estava sendo construída uma casa para a formação das primeiras vocações salesianas boêmias e morávias. Por dois anos, até 1927, foi vice-diretor de uma comunidade tão promissora quanto problemática, e particularmente heterogênea: ali também realizou um discernimento vocacional nada fácil, afastando discretamente pessoas sem verdadeiras motivações sobrenaturais e, ao contrário, ajudando os jovens dispostos a se adaptarem a um contexto – italiano e não tcheco, religioso e não mais leigo – tão diferente daquele de onde vinham. Era preciso calma, prudência, justiça e muita caridade: o servo de Deus, um homem de escuta e de governo, as possuía. Os jovens esperavam um jovem “salvador”, hábil em tudo, forte: eles se viram diante de um “velhinho” que falava um boêmio mal pronunciado: mas essa foi apenas a primeira impressão; quando o conheceram, descobriram suas virtudes e sua paternidade radiante. O ceticismo inicial se transformou em confiança: a aparência alegre, o olhar amoroso e o sorriso estável do servo de Deus abriram e conquistaram corações.

O P. Oldřich Med, mais tarde o primeiro biógrafo do servo de Deus, especifica: “A decepção começou a desaparecer lentamente e foi substituída pela confiança [...]. Sua alegria e confiança se espalharam por nós. Essa pessoa que nunca se ofendia quando era provocado por sua língua tcheca, que se interessava por cada um de nós como um verdadeiro pai e [...] estava sempre conosco, isso nos conquistou”. Ele incutia esperança naqueles jovens de que a estada em Perosa Argentina não era um tempo perdido. Em pouco tempo, o P. Stuchlý entrou em seus corações e mudou suas vidas: muitos tiveram um excelente sucesso salesiano. Então, em 1927, os superiores decidiram começar em Frysták. Cabia a ele transplantar a obra para sua terra natal. Nesse meio tempo, foram-lhe atribuídas responsabilidades cada vez maiores e, em 1935, tornou-se inspetor: primeiro da Inspeção da Tchecoslováquia; depois, a partir de 1939, da Inspeção Tcheca intitulada a “São João Bosco” e já separada da Inspeção Eslovaca “Maria Auxiliadora”. Os salesianos

também foram chamados a essas terras para estancar a saída de sacerdotes (cerca de 200) e fiéis (cerca de meio milhão) da Igreja Católica para a Igreja Ortodoxa ou para a recém-fundada Igreja Nacional. Foi um período de grande expansão do trabalho salesiano na República Tcheca e Stuchlý, como inspetor, sempre em contato com os superiores em Turim, pôde formar essa primeira geração – muito jovem e inexperiente – de salesianos tchecos na perfeita observância dos votos religiosos e do carisma de Dom Bosco.

No entanto, quando cinco jovens religiosos pediram concessões contrárias ao voto de pobreza, e um deles ajudou a espalhar uma calúnia infame sobre o padre italiano José Coggiola, Stuchlý agiu com firmeza. Ele se dirigiu a Turim e foi o então catequista geral, P. Pedro Tirone, que conduziu uma investigação, tão rápida quanto decisiva, que logo levou à demissão da pessoa responsável e à reabilitação total do P. Coggiola. Ele, como confessor da casa, não podia se defender e sua única culpa – ser italiano – consistia em representar, aos olhos dos religiosos rebeldes, um exemplo da “italianização” que eles consideravam restritiva na aplicação das *Constituições e dos Regulamentos*.

A Segunda Guerra Mundial – com a requisição de casas e a dispersão dos irmãos – e a iminência do totalitarismo comunista, no entanto, marcaram dolorosamente os últimos anos da vida do Servo de Deus. Atingido por uma apoplexia no mês anterior à “Noite Bárbara” (abril de 1951), na qual todos os religiosos da Tchecoslováquia foram expulsos de suas casas e confinados, ele viveu primeiro em um asilo de idosos em Zlín e depois em um asilo em Lukov. A profecia que ele mesmo havia feito, para incredulidade geral, quando – no auge do trabalho salesiano em sua terra natal – disse que em seus últimos anos teria sorte se alguma mulher lhe desse um pouco de pão e leite fermentado, porque morreria sozinho e longe de todos. Ele foi cuidado por algumas freiras, elas próprias controladas pelo regime comunista.

No entanto, sua vida, mesmo nessas circunstâncias difíceis, floresceu em paz, alegria e bem para muitos que o conheceram. Ele faleceu pacificamente na noite de 17 de janeiro de 1953 e, em seu funeral, em 22 de janeiro, foi comparado a um novo São João Maria Vianney. Hoje ele é lembrado como o “Dom Bosco boêmio”.